


PROCESSOS MIGRATÓRIOS E SUCESSÃO FAMILIAR ENTRE JOVENS RURAIS: ANÁLISE DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

MIGRATION PROCESSES AND FAMILY SUCCESSION AMONG RURAL YOUTH: ANALYSIS OF IDENTITY PROCESSES

Mariana BONOMO* 

Gesiane Silva de ALMEIDA** 

Tayssa Grassi RODRIGUES*** 

Resumo: Este estudo teve como objetivo investigar os processos de identificação psicossocial entre jovens rurais do estado do Espírito Santo (ES) com seus contextos de vida. Participaram do estudo 16 jovens rurais, com idades entre 19 e 29 anos, subdivididos em dois grupos: 1. jovens que nasceram em territórios rurais e que não vivenciaram a migração campo-cidade; e 2. jovens que migraram para áreas urbanas do ES. Foram realizadas entrevistas individuais, e o conteúdo textual foi analisado por meio da Classificação Hierárquica Descente, com o programa Iramuteq. Ambos os grupos referenciaram suas narrativas positivando a sociabilidade rural de origem e destacaram os aspectos negativos do estilo de vida urbano, ao mesmo tempo em que ressaltaram a ausência de recursos significativos em áreas rurais aos seus projetos de vida. Discute-se as ambiguidades presentes no processo de mobilidade social orientando a dinâmica de identificação-desidentificação social com a categoria social ruralidade.

Palavras-chave: êxodo rural. identidade social. juventude rural. sociabilidade rural.

Abstract: This study aimed to investigate the processes of psychosocial identification among rural youths in the state of do estado do Espírito Santo (ES) within their life contexts. The study included 16 rural young people, aged between 19 and 29 years old, divided into two groups: 1. young people who were born in rural territories and who did not experience rural-city migration; and 2. young people who migrated to urban areas of the state. Individual interviews were carried out, and the textual content was analyzed using the Descent Hierarchical Classification, with the Iramuteq program. Both groups referred their narratives as positive to the rural sociability of origin and highlighted the negative aspects of the urban lifestyle, while emphasizing the absence of significant resources to their life projects, in rural areas. The ambiguities present in the process of social mobility are discussed, guiding the dynamics of social identification-unidentification with the social category rurality.

Keywords: rural exodus. social identity. rural youth. rural sociability.

Submetido em 26/10/2022. Aceito em 29/09/2023.

* UFES - Docente. E-mail: soffiaredoc@gmail.com

** E-mail: almeidagesi@gmail.com

*** E-mail: tayssagrassi@hotmail.com



Introdução

O quadro populacional brasileiro tem passado por diferentes transformações nas últimas décadas, reconfigurando sociabilidades que referenciam os espaços campo-cidade, com impactos no segmento juvenil rural, um dos principais protagonistas no fluxo migratório seletivo em direção aos centros urbanos na atualidade. De acordo com Anjos e Caldas (2005), Silva *et al.* (2006) e Froehlich *et al.* (2011), a mudança constatada nos últimos anos seria a conversão do êxodo rural generalizado em um processo mais seletivo, que preferencialmente leva às cidades a população mais jovem e produtiva do campo, em busca de melhores condições de vida na zona urbana. Entre os principais impactos deste êxodo, podem ser destacados o comprometimento da manutenção do tecido social rural e de sua sociabilidade, bem como a própria segurança alimentar global, posto que as explorações agrícolas familiares são responsáveis por 80% dos alimentos produzidos no mundo (LOWDER; SÁNCHEZ; BERTINI, 2021).

A análise, portanto, sobre os processos implicados nesta realidade torna-se de grande relevância para o debate sobre os rumos das sociedades contemporâneas (FAO; IFAD, 2019), tendo em vista os diferentes fatores que têm concorrido para a existência e manutenção de fenômenos como a migração do segmento juvenil rural para os centros urbanos. Apoiado nesta tarefa, o presente estudo teve como objetivo investigar os processos de identificação psicossocial entre jovens rurais do estado do Espírito Santo com seus contextos sócio-territoriais de referência, compreendendo indivíduos que permaneceram em áreas rurais do estado e aqueles que vivenciaram o êxodo rural.

Juventude rural, sucessão familiar e migração campo-cidade

Os processos migratórios apresentados pela análise demográfica têm sido utilizados para demonstrar a transformação social que vem ocorrendo em termos populacionais no Brasil nos últimos oitenta anos. Contudo, as questões e pautas relacionadas à juventude rural ainda são discutidas de forma incipiente pela esfera pública, sendo inviabilizada sua condição como categoria social (CASTRO, 2005).

Como um dos sete pilares da chamada ‘década da agricultura familiar’ (2019-2028¹), a juventude assume dimensão transversal nas pautas estabelecidas para se refletir e intervir nos rumos das sociedades rurais, com o propósito de promover a sustentabilidade geracional a fim de que os jovens tenham acesso aos recursos necessários para sua atuação como agentes de desenvolvimento rural inclusivo (FAO; IFAD, 2019). Nesta pauta geracional, é destacada a urgência no que se refere ao acesso dos jovens a terra, educação, informação, infraestrutura, serviços, mercados, políticas voltadas para a agricultura familiar, entre outros

Dentre os inúmeros fatores que têm contribuído para os processos de migração campo-cidade, a histórica desvalorização da vida no campo (BONOMO; SOUZA, 2013), com impactos nas dimensões econômica e psicossocial no cotidiano das famílias rurais, também tem produzido seus efeitos sobre as

¹ Os sete pilares são: 1. Contexto político; 2. Juventude; 3. Gênero; 4. Organizações rurais; 5. Inclusão socioeconômica; 6. Sustentabilidade; e 7. Multifuncionalidade (FAO; IFAD, 2019).

tomadas de posição do segmento juvenil na atualidade. Como promessa de um futuro melhor, revestida de um sistema de crenças que difundem mitos sobre uma vida idealizada na cidade, compõe-se a ideia de que, com a migração, os jovens teriam fácil e amplo acesso a estudo, trabalho e diversão. Para aqueles jovens que cresceram em meio a um contexto de grandes limitações socioeconômicas junto a suas famílias, os centros urbanos, portanto, são vistos como destinos promissores e plenos de oportunidades (FROEHLICH *et al.*, 2011), apesar de, na prática, constituir-se como espaço marginal e de exclusão (SAWAIA, 2008) para muitos migrantes.

Pensando o contexto de inserção dos jovens rurais, de acordo com Oliveira, Mendes e Vasconcelos (2021), três dimensões têm interferido na condição de sua permanência ou saída da zona rural, são elas: 1). a trajetória da família no campo, incluindo a relação pais e filhos; 2). existência de fatores que estimulam ou que dificultam a permanência dos jovens, tais como situação socioeconômica da família e também a ideia de oportunidades que possam atrair os jovens para as cidades; e 3). alternativas vinculadas à sucessão familiar. O processo sucessório em áreas rurais entre as novas gerações figura-se, então, como importante forma de garantir a continuidade das unidades produtivas familiares (MENDONÇA *et al.*, 2013).

A sucessão familiar pode ser entendida como um processo que contribui para a manutenção dos jovens em suas propriedades familiares, posto que fornece às novas gerações os recursos disponíveis na família para que possam produzir e perpetuar a propriedade rural passada aos jovens pelos seus pais. Segundo Monteiro e Mujica (2022, p. 7), seria a “transferência de bens materiais e imateriais no meio rural, em que a produção agropecuária ou outras atividades econômicas são responsáveis pela manutenção e reprodução do sistema e das pessoas que dele fazem parte”. Costa e Ralisch (2013) e Silva (2011) alertam, contudo, que mesmo na sucessão familiar e em contextos em que os jovens desejam permanecer no campo, a renda limitada e a ausência de espaços de formação educacional, além das alternativas de cultura e de lazer escassas, podem configurar-se como fatores que contribuem para a tomada de decisão dos jovens de partir em direção aos centros urbanos.

Permaneceriam, portanto, no contexto rural aqueles que escolheram trabalhar com a produção agrícola ou setores associados e se identificam com o modo de vida rural, ou ainda quem não possui condições e oportunidades para migrar para a cidade (COSTA; RALISCH, 2013). Nessa esfera, alguns estudos informam também que essa permanência, em parte, se justifica pelo fato de o campo ser idealizado por estes jovens como espaço tranquilo, sem violência, com um custo de vida menor e que possibilita o estreitamento dos laços afetivos entre as famílias do território (BONOMO; SOUZA; ZANDONADE, 2020).

Para aqueles que não possuem terra, ou seja, que não estão incluídos nesta condição de possível sucessão familiar (geralmente, trabalham como meeiros ou diaristas), segundo Castro (2009), a juventude se depara com a situação de desemprego ou inserção em trabalhos de maneira informal, que não asseguram os direitos trabalhistas desses indivíduos. Além disso, os jovens se queixam da falta de acesso a recursos básicos, como educação, saúde, transporte e lazer, visualizando no processo de migração para a cidade a possibilidade

de reverter essa realidade que vivenciam (ALVES; DAYRELL, 2015; CASTRO, 2009; ZAGO 2016; FURLANI; BONFIM, 2010). Nestes desafios, inclui-se, ainda, a ausência de políticas públicas efetivas voltadas ao segmento juvenil rural, que poderiam oferecer alternativas de trabalho e formas diversificadas de geração de renda, além da promoção de espaços culturais atrativos. Essa precarização política acaba fortalecendo ainda mais os fatores que têm impulsionado o êxodo rural entre os mais jovens (SILVA *et al.*, 2006).

Processos identitários e pertencimentos sociais

A análise sobre os processos identitários na perspectiva das relações entre os grupos sociais e suas categorias de referência integra um conjunto de conceitos-chave que contribui para leitura e interpretação de fenômenos de identidade no contexto social contemporâneo. No campo psicossocial, entre os recursos teórico-conceituais basilares, destacam-se a categorização e a comparação sociais junto à identificação do indivíduo a determinados grupos (DESCHAMPS; MOLINER, 2009; SOUZA, 2004). Por meio do pertencimento grupal, portanto, os indivíduos possuem um importante sistema de referência, que orienta suas práticas em função dos valores e afetos associados às suas pertencimentos sociais (BONOMO; SOUZA; ZANDONADE, 2020; TAJFEL, 1982).

O processo de categorização social consiste em um sistema classificatório e de orientação aos indivíduos, contribuindo para a constituição de uma estrutura social baseada em categorias, o que permite a definição do lugar social dos indivíduos na sociedade e nas interações sociais, em termos socialmente definidos (TAJFEL, 1982). A partir do reconhecimento dos indivíduos a determinado grupo social, este poderá manter-se como seu membro ou a novos grupos vincular-se se estes contribuírem, de alguma maneira, para os aspectos positivos da sua identidade social (TAJFEL, 1983). Ou seja, nesta perspectiva, os indivíduos empreendem esforços para manter sua identidade social positiva, trabalhando para que seu grupo de referência mantenha posição social favorável frente a outros grupos sociais.

Tendo em vista que a identidade é relacional e que os grupos se inserem em uma rede de categorias mais ampla, os aspectos positivos da identidade social e a reinterpretação de atributos e empenho na ação social só têm sentido relacionados ou comparados com outros grupos e seus sistemas categoriais de referência (TAJFEL, 1983). Contudo, apenas a pertença a um dado grupo não é capaz de contribuir para a elaboração de uma identidade social positiva, a não ser que as características deste grupo possam ser comparadas favoravelmente às de outros grupos (DESCHAMPS; MOLINER, 2009). Ou seja, como ressaltado por Souza (2004), no processo de comparação social entre grupos, os indivíduos são motivados à estratégia de supervalorização do próprio grupo em detrimento dos outros grupos, gerando a dinâmica ‘nós’ (endo-grupo) e ‘eles’ (exo-grupo). Como efeito deste favoritismo endo-grupal, podem ser verificadas consequências negativas em alguns contextos na esfera das relações intergrupais, tais como preconceito, estigmatização e práticas discriminatórias (BROWN, 2000).

Quando um grupo, portanto, é visto de maneira negativa pela sociedade, é possível que seus integrantes ressignifiquem essas imagens visando a mudança social, por meio de estratégias coletivas como a criatividade social. Para Hernández *et al.* (2015), este processo trata-se de um recurso coletivo, que valoriza as características existentes no grupo de pertença a fim de garantir a permanência dos seus membros, por meio de: 1). ressignificação de estereótipos negativamente valorados que lhe são atribuídos através da adoção de uma referência comparativa favorável com outro grupo social, ou 2). alterando os valores associados a determinadas características do grupo. Outra possibilidade, que se refere a estratégias individuais, seria a mobilidade social, em que o sujeito tenta pertencer ao grupo hegemônico na relação social estabelecida (BROWN, 2000; TAJFEL, 1983).

Na mobilidade social, o indivíduo acredita que pode melhorar a sua posição na estrutura social, constituída hierarquicamente, movimentando-se de uma posição social para outra, individualmente. Nesta dinâmica, acredita-se que o sistema hierárquico entre grupos e categorias sociais é justo, permeável e flexível. Segundo Tajfel (1983), uma das implicações deste processo seria que o sistema de crenças sobre a sociedade contém a expectativa de que o indivíduo pode abandonar o seu grupo para integrar aqueles com maior status social e poder. Os mitos propagados a partir deste sistema de crenças, portanto, podem orientar processos de abandono grupal (BROWN, 2000), como a migração campo-cidade, em análise no presente estudo.

1. Estratégias metodológicas

Este estudo fundamentou-se nas proposições da abordagem qualitativa e caracteriza-se como pesquisa de natureza descritivo-exploratória. A partir dos objetivos propostos, esta investigação apoiou-se nos recursos da entrevista, posto que esta estratégia consiste em uma “forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 139), favorecendo a apreensão do campo de significação constituído pelos sujeitos da experiência sobre seus contextos de vida.

1.1 Participantes

Configurando-se como amostra por conveniência, participaram do estudo 16 jovens rurais, com idades entre 19 e 29 anos, igualmente distribuídos no que se refere à variável sexo em cada um dos grupos pesquisados. Tendo em vista os objetivos da investigação, a amostra foi composta por dois grupos, a saber: grupo 1 - formado por jovens que nasceram em territórios rurais do estado do Espírito Santo e que nunca vivenciaram a migração campo-cidade; e grupo 2 – constituído por jovens que emigraram para áreas citadinas, e que no momento da coleta dos dados estavam morando em centros urbanos do estado do Espírito Santo. As áreas rurais de referência sócio-territoriais aos jovens que participaram do estudo se estruturavam a partir da organização social por meio de comunidades, cujo modo de vida se orientava pela dinâmica da agricultura familiar. No que se refere à seleção dos potenciais participantes, para o primeiro

grupo (não migrantes), o único critério estabelecido consistiu que os jovens sempre tivessem vivido em território rural, e, para o segundo grupo (aqueles que emigraram), adotou-se o tempo de permanência de, no mínimo, um ano residindo em área urbana e que as motivações para o êxodo se configurassem como projetos de vida na cidade.

1.2 Instrumento e procedimentos de coleta dos dados

Para coleta dos dados, foram realizadas entrevistas individuais e em profundidade, tendo como referência roteiro de entrevista semiestruturado, contendo as seguintes unidades temáticas: (1) a vida no meio rural: descrição sobre atividades, convivência entre as pessoas da localidade e avaliação do contexto vivido; (2) migração campo/cidade: impressões sobre o processo de migração campo-cidade e motivação para permanência/êxodo; (3) a vida na cidade: contato com a cidade (lembranças da primeira ida à cidade, imagens e significados associados), avaliação do contexto urbano e descrição da vivência na cidade (impressões, dificuldades, adaptação e convivência com as pessoas da localidade); (4) preconceito: experiência de preconceito por ser identificado como pessoa do meio rural; (5) concepções de urbano e rural: caracterização de pessoa rural e pessoa da cidade; e (6) processo de identificação e diferenciação: endo e hetero-categorização, dimensão afetiva, projeção da vida futura, e avaliação sobre possíveis mudanças em suas vidas em função do contexto de migração campo-cidade (para o grupo 2).

Todas as entrevistas foram realizadas conforme conveniência dos participantes, em dia e horário previamente agendados. No caso do primeiro grupo, as entrevistas foram realizadas em suas residências, nas comunidades rurais, e, quanto ao grupo 2, foram feitas entrevistas tanto nos locais de moradia dos jovens quanto em espaços públicos (como bibliotecas e praças). Ressalta-se, ainda, que antes do início das entrevistas, foram apresentados os objetivos da pesquisa e explicados os procedimentos que envolveram o desenvolvimento do estudo, bem como respondidas possíveis dúvidas acerca da participação na pesquisa. Com a anuência dos jovens, todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise do conteúdo textual.

1.3 Tratamento e análise dos dados

As narrativas dos participantes foram sistematizadas em dois bancos de dados e submetidos à análise lexicográfica por meio do programa Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), sendo utilizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A CHD é um tipo de análise textual que consiste na segmentação do texto inicial (no caso deste estudo, cada uma das entrevistas) a partir de seu vocabulário característico, sendo a análise produzida a partir da correlação entre as palavras que compõem cada segmento de texto gerado. A partir desta análise, podem ser observados os vocábulos de maior qui-quadrado, isto é, de maior centralidade na narrativa, apresentados por meio de um dendrograma constituído por classes, com as palavras que foram significativas à sua constituição ($\chi^2 \geq 3,84$) (CAMARGO; JUSTO, 2013). Neste estudo, optou-se por proceder separadamente a análise de cada corpus

de dados, referente a cada um dos grupos, a fim de possibilitar a exploração mais detalhada dos processos vivenciados pelos sujeitos nas duas experiências em questão, quais sejam: vivência ou não da migração campo-cidade. Como variável complementar à análise dos dados, incluiu-se o sexo dos participantes como forma de verificação se existem experiências mais características a essa pertença social nos contextos em estudo.

2. Resultados

Os resultados são apresentados em duas subseções, com os dados específicos referentes aos dois grupos de participantes: grupo 1 – jovens que sempre viveram no meio rural, e grupo 2 – jovens que migraram do campo para áreas urbanas do estado do Espírito Santo. As análises derivadas da CHD são apresentadas por meio dos dendrogramas (Figuras 1 e 2), constando os termos que foram estatisticamente significativos, e, na descrição dos resultados, são inseridos fragmentos de texto a fim de fornecer os contextos discursivos de origem dos campos semânticos explorados em cada classe.

2.1 Vida no campo e sucessão familiar

No processo de análise dos dados, as narrativas foram fragmentadas em 353 segmentos de texto, tendo sido aproveitado 74,32% do banco de dados original. Os resultados sugerem a formulação de cinco classes (Figura 1), agrupadas em dois eixos principais: eixo 1, formado pela classe 5, com conteúdo referente ao contexto de vida no meio rural, enquanto o segundo eixo é constituído pelo subeixo formado pelas classes 1, 2 e 3, que se liga à classe 4, e diz respeito a vida na cidade e a esferas comparativas com o campo.

O primeiro eixo é formado pela classe 5 e refere-se às narrativas dos jovens sobre a vida no meio ‘rural’. A importância da ‘família’, da ‘comunidade’ e da ‘escola’ rural é destacada como agentes centrais para a ‘formação’ humana, transmitindo e fortalecendo valores sociais como ‘respeito’, solidariedade (‘ajudar’) e ‘educação’, além de serem os principais veículos de manutenção dos ‘costumes’ e das ‘tradições’ do grupo ao longo das gerações - “eu aprendi meus valores na família, principalmente na família, mas o que vem ao longo dos tempos também, que vem trabalhando nas escolas, principalmente na escola da pedagogia da alternância”. O campo é retratado como lugar onde se vive ‘junto’ e as pessoas se relacionam (‘relacionamento’) com muito ‘diálogo’ e ‘convivência’ cotidiana. Além disso, a ideia de liberdade e contato com a terra e com a natureza, como legado de vida às novas gerações, se projeta na reflexão não apenas sobre a infância que tiveram na socialização da sua família com seus pais, mas também na avaliação sobre a vida que desejam para os futuros filhos - “eu gostaria que meus filhos vivessem no campo, porque é uma questão que desde cedo tem as brincadeiras de criança; então, é uma coisa de você estar educando a criança no rural, junto com a família, junto com os avôs”. Esse conjunto temático está significativamente associado às jovens do sexo feminino.

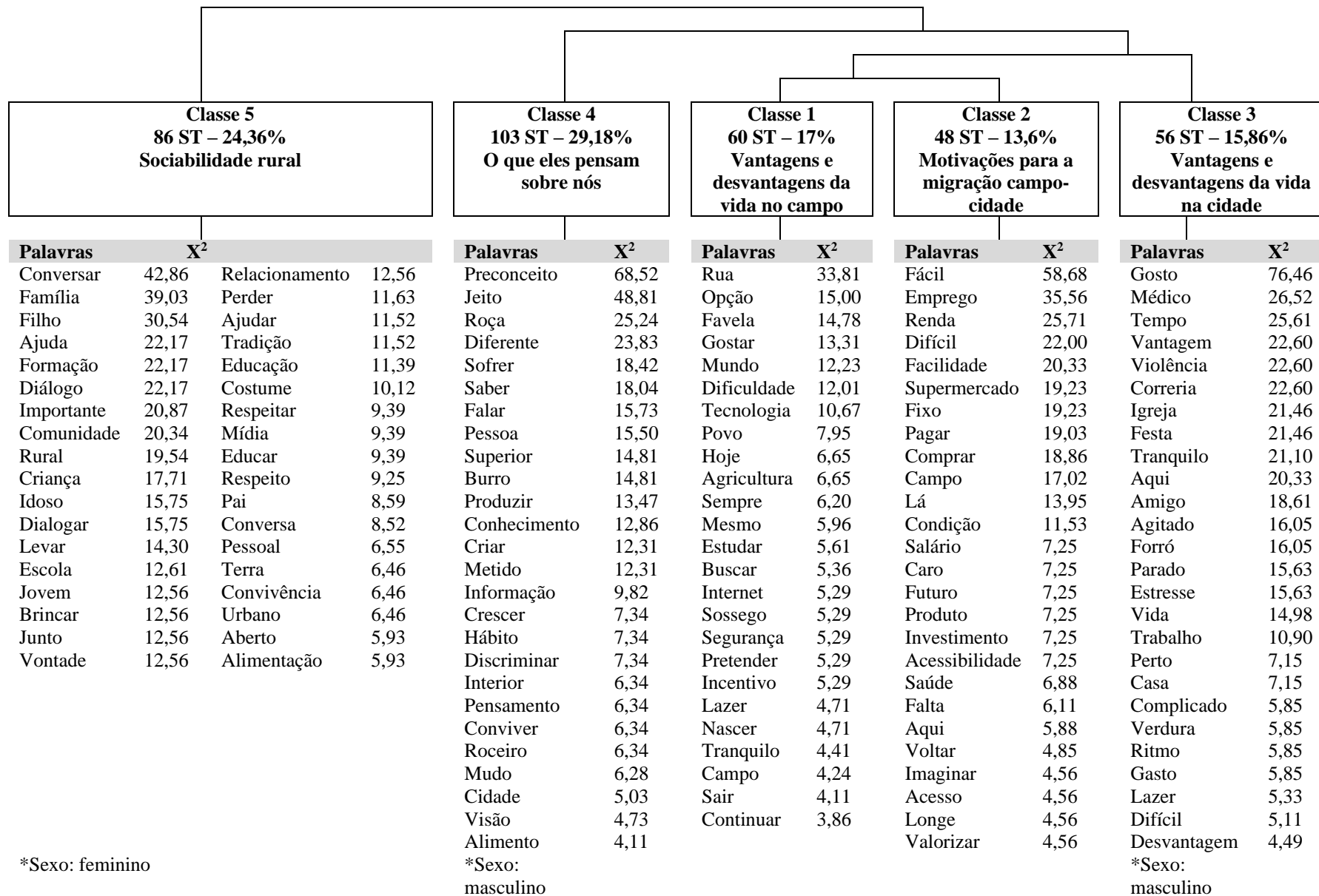


Figura 1. Análise das narrativas dos jovens rurais não migrantes, realizada por meio da Classificação Hierárquica Descendente.

No segundo eixo, reúnem-se classes que evidenciam a análise sobre a vida na cidade a partir da esfera da avaliação sobre as possíveis motivações para os jovens deixarem o meio rural e suas comunidades (classe 2) e as dificuldades e vantagens do cotidiano da vida no campo (classe 1), bem como os aspectos que julgam ser positivos e aqueles negativos relativos à realidade urbana (classe 3), incluindo aspectos referentes às meta-representações (ou seja, o que acreditam que as pessoas da cidade pensam sobre as pessoas que vivem em contextos rurais) (classe 4).

Interligadas, as classes 1 e 2 apresentam a reflexão sobre os contextos campo e cidade, reunindo possíveis fatores que poderiam influenciar na decisão de emigrar (fatores expulsão) e aqueles que poderiam atrair os jovens para a vida urbana (fatores de atração). Na primeira classe, 'Vantagens e desvantagens da vida no campo', o meio rural é descrito como lugar 'tranquilo', onde se tem 'segurança' e 'sossego', e que também oferece recursos para quem quer estudar por meio das escolas rurais. Contudo, o campo enfrenta dificuldades que acabariam sendo desvantajosas para quem nele vive, como a falta de 'tecnologia', 'internet', 'opções de lazer' e possibilidade de cursar uma faculdade, além dos desafios da produção agrícola, desvalorização dos produtos na comercialização (com baixos preços ao produtor) e falta de 'incentivo' para a 'agricultura'. A 'rua', forma como denominam o centro da cidade local, é vista como um lugar para "resolver coisas" (como ir a banco, supermercado, farmácia e hospital, entre outros serviços centralizados nas cidades), de forma pontual, e depois voltar rapidamente para a comunidade. Associado ao termo 'favela', os jovens apresentam, ainda, a crítica de que as pessoas emigram para as cidades iludidas com a visão de 'uma vida melhor' e acabam ocupando espaços que consideram marginais e de exclusão.

Na classe 2, 'Motivações para a migração campo-cidade', são destacados termos que fazem referência à ideia de busca por uma vida melhor, um 'futuro' com 'oportunidades', com 'emprego' (que seria mais 'fácil', 'fixo' e com 'salário') e 'estudo', principalmente, para cursar o ensino superior. Conforme fragmento de texto: "as pessoas que saíram daqui, eu vejo que eles foram em busca de um melhor". Ou seja, os jovens que não migraram acreditam que o jovem sai do seu território em busca de uma vida com mais qualidade e recursos ('acesso' a serviços diversos e melhor 'renda') e apontam que os principais motivos que levam o jovem rural a viver na cidade são o estudo e a busca por empregos satisfatórios. Além disso, justificam que o campo oferece poucas oportunidades para o segmento juvenil, e, por isso, muitos acabam migrando motivados pela ideia de um futuro promissor na cidade: "acho que as pessoas que saíram daqui da roça, foram pra cidade procurar oportunidades pra vida, que aqui não tem, igual faculdade, estudo".

Associada às classes 1 e 2, na classe 3, 'Vantagens e desvantagens da vida na cidade', tem-se que morar na cidade pode oferecer benefícios ou 'vantagens' ('trabalho', 'médico', serviços 'perto', 'lazer') que o campo ('aqui') não teria ou que são mais difíceis de serem acessados, como pode ser verificado no trecho a seguir: "eu imagino que a vida deles na cidade tem mais opções de lazer, mais opções de sair, de passear, shopping, parques, diversão, tem mais opção de ensino". Por outro lado, os jovens ressaltam que, apesar das facilidades que imaginam existir na vida de quem vive na cidade, a vida urbana teria inúmeras 'desvantagens', como 'violência', 'estresse', vida 'agitada' e 'correria' - "A desvantagem da cidade é a violência que procura mais a cidade". Identificou-se, ainda, que os participantes do sexo masculino contribuíram significativamente à formação desta classe.

Na quarta classe, 'O que eles pensam sobre nós', encontram-se palavras como 'jeito', 'roça', 'diferente', 'sofrer', 'saber' e 'falar', que fazem referência às experiências de 'preconceito' ('discriminar') e ao imaginário acerca do que eles acreditam que as 'pessoas' da 'cidade' pensam em relação às pessoas do campo. Nos exemplos mencionados, é possível identificar: "acho que tem esse preconceito porque, acho que quem mora na cidade, não é que eles se acham, mas com certeza acham que são superiores por ter mais". Para os jovens entrevistados, quem vive na cidade se considera 'superior' por considerar que possuem mais 'conhecimento' do que quem mora no campo, e explicam que se sentem

ofendidos por lhes serem atribuídas características negativas, tais como ‘burro’ e ‘roceiro’ – “existem pessoas que acham que, por você morar na roça, no interior, você é uma pessoa burra, inculta”. Assim como na classe anterior, são também os jovens do sexo masculino que estão associados significativamente à formação desta classe.

2.2 A experiência do êxodo campo-cidade

Na análise, foram retidos 248 segmentos de texto, e 65,44% do material foi considerado no tratamento dos dados, tendo sido elaboradas cinco classes (Figura 2). Pode-se verificar que o primeiro eixo é constituído pelas classes 1 e 5, e o segundo eixo pelas classes 2, 3 e 4.

No primeiro eixo, constam conteúdos relativos aos relatos e reflexão sobre o próprio processo migratório, com a análise sobre as motivações para deixar seu território de origem (classe 1) e as dificuldades enfrentadas na cidade de destino (classe 5). Na classe 1, a migração (‘sair’, ‘rural’, ‘casa’) é vista como um movimento de se partir, principalmente, em busca de recursos que são ausentes no meio rural (‘lá’, ‘difícil’) e apresenta os benefícios de morar na cidade (‘trabalhar’, ‘empregar’, ‘escola’, ‘estudar’), segundo a avaliação dos participantes – “se a pessoa não se vê inserida nesse contexto, tem que sair; eu deixei a roça porque não me via, assim, eu queria estudar, trabalhar, ter minhas coisas; quando eu sai de lá, eu senti medo”. Entre as principais motivações, imaginam a cidade como sendo repleta de oportunidades para uma vida melhor no futuro, embora vivam o presente com dificuldades, e destacam a possibilidade de aquisição de capital (bens sociais e de consumo - como casa e carro próprios, qualificação por meio do ensino superior, profissão assalariada e melhores condições financeiras) - “As pessoas saem de lá da roça, porque querem uma coisa maior, não querem ficar na mesma /.../ eu quero uma coisa maior, eu quero chegar lá e olhar pra minha família e poder dar presente, poder trazer eles pra cá”. Como variável associada a esta classe, identificou-se como discurso mais característico aquele relativo às jovens do sexo feminino.

Na classe 5 (‘Dificuldades enfrentadas na cidade’), seu conteúdo revela que os sujeitos migraram para a cidade, principalmente, com o objetivo de realizar um ‘sonho’ que no meio rural não seria possível. Rememoram a visão da cidade em que as pessoas teriam muitas alternativas de lazer e destacaram a ‘praia’ e o ‘shopping’ como lugares simbólicos dessa ideia. Ao chegarem (‘chegar’) à cidade, apontam que o que mais chamou a sua ‘atenção’ foi a grande movimentação de pessoas e veículos, ter que pegar ‘ônibus’ e pagar para ir a qualquer lugar, pois, como relataram, no campo tudo é perto. Além da ‘saudade’ da ‘família’, antes de chegarem à cidade (‘vir’, ‘cá’), não imaginavam que passariam por certas situações, como a ‘dificuldade’ para conseguir emprego – “encontrei todas dificuldades aqui na cidade: emprego foi difícil, moradia foi difícil, me estabilizar com as pessoas”. Um exemplo disso é que, para conseguirem permanecer na cidade, os jovens trabalham por baixos salários e até passam fome - “As dificuldades que eu passei foi só quando eu passei aperto, né, porque logo que eu vim pra cá, eu trabalhei dois meses de diarista. Só que eles só pagava fim de semana, aí eu trabalhava o dia todo e não comia nada, aí ficava só na fraqueza e passando fome”. Associados significativamente às narrativas referentes a esta classe, estão os jovens do sexo masculino.

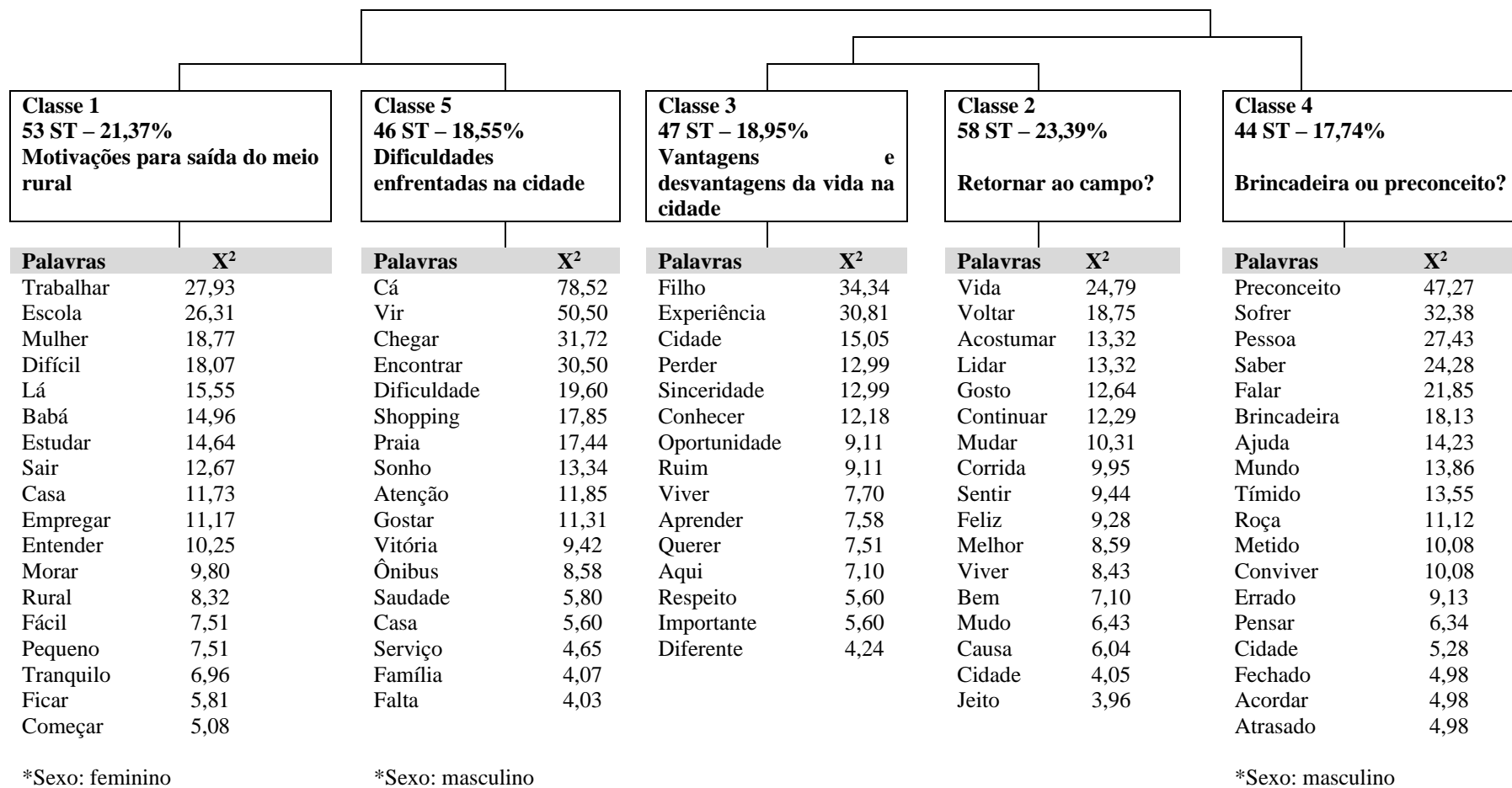


Figura 2. Análise das narrativas dos jovens rurais migrantes, realizada por meio da Classificação Hierárquica Descendente.

Já no segundo eixo, na classe 2 (“Retornar ao campo?”), os sujeitos confrontam os dois contextos avaliando seus modos de ‘vida’ frente a reflexão se voltariam (‘voltar’) a ‘viver’ no campo, e todos informam que não retornariam - “eu me dou bem na cidade por causa do que eu aprendi na roça, mas eu não voltaria pra fazer o que eu fazia antes, porque hoje em dia é muito sofrido”. Alguns participantes destacam que a ‘vida’ na ‘cidade’ é ‘corrida’, mas apreciam o estilo de vida que possuem atualmente (‘gosto’, faz ‘bem’, se sente ‘feliz’, é ‘melhor’) - “Hoje em dia, não passo necessidade de nada; já passei, mas hoje em dia, não passo mais não; pra mim, a cidade, me faz bem, gosto de praia, gosto de trabalhar, gosto de ter minhas coisas”. Contudo, no que se refere a como se sentem como pessoas do campo ou da cidade, sobre o ‘jeito’ de ser, se identificam com a ruralidade: “é meu jeito, não mudo; até hoje sou da roça”; “não mudei, sou do mesmo jeito, não mudei em nada; tenho saudades da vida que levava lá na roça”.

A terceira classe (‘Vantagens e desvantagens da vida na cidade’) agrupa conteúdos sobre os aspectos positivos e negativos da realidade urbana, segundo a ‘experiência’ dos participantes. Para os jovens, as desvantagens ou o que teria de ‘ruim’ na ‘cidade’ (‘aqui’) seria a violência, a correria e as dificuldades financeiras (porque precisa-se pagar por tudo), enquanto as vantagens seriam as ‘oportunidades’, ‘aprender’ e ‘conhecer’ coisas ‘diferentes’ - “a vantagem de viver na cidade é acessibilidade a internet, a área de lazer, a gente conhece mais pessoas, a gente sai mais; acho que é isso: desvantagem é grana”. Se tiverem ‘filhos’, gostariam que vivessem na ‘cidade’, mas que não perdessem (‘perder’) valores ‘importantes’ que aprenderam no meio rural, como ‘sinceridade’ e ‘respeito’ - “acho ótima a experiência de tá vivendo aqui; só penso em crescer daqui pra frente e, se eu tiver filhos, quero que morem na cidade, porque eu vou passar essa visão de estudar, trabalhar”.

Na quarta classe (‘Brincadeira ou preconceito?’), verifica-se relação entre a vivência do ‘preconceito’ e o que as ‘pessoas’ da ‘cidade’ pensariam (‘pensar’) sobre as ‘pessoas’ do meio rural. A maioria dos sujeitos não considera ter sofrido preconceito (‘sofrer’ ‘preconceito’), identificando expressões negativas a eles dirigidas como ‘brincadeiras’, mas admitem que as pessoas da ‘cidade’ atribuem características negativas às ‘pessoas’ do meio rural, vistas como: ‘atrasadas’, ignorantes, sem conhecimento, que ‘falam’ ‘errado’ - “Já ouvi gente da cidade falando de pessoas do meio rural. Fala que não sabe das coisas, que tem mente fechada. Lá onde eu moro, acho que as pessoas não têm preconceito com as pessoas da cidade, às vezes, acha que é metido só”. Os entrevistados utilizam o termo ‘metidos’ para evidenciar que as pessoas da cidade não cumprimentam os outros e não se ‘ajudam’ tal como as pessoas do campo. Alguns participantes ressaltaram, ainda, que as pessoas da cidade são mais inteligentes e aprendem com mais facilidade - “Pessoa da cidade é mais vivido e aprendido, aprende mais, e mais inteligente. Mais rápido pra aprender, sabe mais as coisas. Porque eu que vivo na roça e nunca ouvi falar as palavras que tem aqui”. Foram mais expressivos à formação dessa classe os jovens do sexo masculino.

3. Discussão

Em consonância com a literatura da área (ANJOS; CALDAS, 2005; Froehlich *et al.*, 2011; OLIVEIRA; MENDES; VASCONCELOS, 2021; SILVA *et al.*, 2006), os resultados demonstraram que ambos os grupos referenciaram suas narrativas positivando a sociabilidade rural de origem e destacaram aspectos tanto negativos quanto positivos do estilo de vida urbano, ao mesmo tempo em que ressaltaram a ausência de recursos significativos em áreas rurais aos seus projetos de vida. Tendo em vista o contexto de desvalorização da categoria social ruralidade no sistema hegemônico (BONOMO; SOUZA, 2013), as reflexões presentes neste estudo apoiaram-se na seguinte questão norteadora: como jovens que permanecem em territórios rurais e aqueles que emigraram para centros urbanos se reconhecem neste processo de produção social sobre sua categoria e como vivenciam suas pertencas sociais?

Os resultados relativos ao grupo de jovens que sempre viveram no meio rural (grupo 1) permitiram identificar cinco classes temáticas, reunidas em dois eixos principais. O primeiro eixo integra conteúdos sobre o sentimento de pertencimento ao campo e a descrição deste como ambiente de boa convivência e amizade, com valores sociais considerados importantes para a vida dos jovens, além de espaços significativos de formação, como a escola rural, a família e a comunidade (classe 5). No segundo eixo, está presente a ideia de que os jovens saem do seu território em busca de uma vida melhor e apontam como principais motivos a busca por estudo e empregos satisfatórios (classe 2). Contudo, se a cidade pode oferecer benefícios inexistentes nas áreas rurais de referência aos jovens, ela é também vista como perigosa, com maiores índices de violência e vida estressante (classes 1 e 3). Além disso, as pessoas da cidade, segundo eles, se considerariam superiores e têm preconceito contra as pessoas do campo, sendo recorrentes caracterizações negativas que estigmatizam a população rural (classes 4).

A análise sobre as narrativas relativas ao segundo grupo, referente aos jovens que saíram do meio rural, por sua vez, indicou a formação de cinco classes, que focalizaram a experiência de vida na cidade e a dimensão comparativa entre os contextos campo-cidade. No primeiro conjunto temático, são ressaltados os benefícios de se viver na cidade, especialmente associados aos planos e sonhos dos jovens de acesso a bens sociais e de consumo, enquanto caracterizam o campo como lugar de vida difícil, de muito trabalho e sem valorização, e a cidade como lugar de violência e de correria (classe 1). Ainda neste eixo, aspectos reflexivos sobre a própria vida se destacaram, comparando sonhos e dificuldades (classe 5). No segundo agrupamento temático, os participantes relataram situações de preconceito vivenciadas, como serem considerados atrasados e ignorantes (classe 4), destacaram vantagens e desvantagens da vida na cidade (classe 3), bem como apresentaram reflexões sobre se retornariam para seus contextos de origem e possíveis mudanças em seu 'jeito de ser' (classe 2).

Tendo em vista os resultados identificados, parece ser relevante resgatar que os grupos sociais são dotados de diferentes status na estrutura e dinâmica sociais, estabelecendo relações de poder que incluem os recursos materiais e simbólicos em jogo em um sistema repleto de desigualdades e de exclusão social

(SAWAIA, 2008). Os históricos mitos acerca dos espaços urbanos, como centros de oportunidades e livre trânsito, fazem parte de um sistema de crenças que têm atuado sobre a avaliação dos jovens rurais quanto à tomada de posição em relação aos processos migratórios. Apesar da vinculação afetiva com a sociabilidade rural, a ausência de recursos e alternativas de renda no campo, a fim de promover melhores condições de vida, impulsionam a reflexão sobre o êxodo como uma questão que deverá ser confrontada pela juventude quando pensam sobre seus projetos de vida.

Para os jovens que decidem migrar, a cidade é vista como promessa de um futuro melhor, onde encontrariam oportunidades de trabalho, estudo e diversão. De acordo com Froehlich et al. (2011), Castro (2009), Anjos e Caldas (2005) e Alves e Dayrell (2015), cria-se a ideia de que permanecer no meio rural está associado à incapacidade de trilhar um caminho de suposto sucesso, que somente seria alcançado na cidade, vista como lugar de desenvolvimento e centro do saber, enquanto o campo tem sido historicamente desvalorizado no pensamento social hegemônico no que se refere ao seu modo de vida. Produz-se, então, um sistema de categorias, ‘ruralidade’ e ‘urbanidade’, que se projetam sobre os contextos de vida das pessoas orientando práticas cotidianas, incluindo a avaliação sobre uma possível mobilidade social. A categorização social atua, assim, em um jogo de ambiguidades, que produz, negocia, aceita/rejeita e resiste à produção social de modo que os indivíduos e grupos possam encontrar seu lugar na sociedade (TAJFEL, 1982).

Neste campo de ambiguidades, próprio dos fenômenos humanos, conforme evidenciado neste estudo, a comparação social (BONOMO; SOUZA; ZANDONADE, 2020; SOUZA, 2004) é um processo que se manifestou permitindo a constante avaliação sobre os contextos, em que se destacam vantagens e desvantagens, pontos positivos e negativos ou, ainda, facilidades e dificuldades de se viver no campo ou na cidade. Foi possível verificar que o vínculo com o rural orienta a dimensão afetiva da identidade social, promovendo a valorização de características da ruralidade como sociabilidade e território de existência. Estes apresentam o campo como lugar de tranquilidade, onde as pessoas se ajudam e se respeitam, e, por outro lado, a cidade é tida como um ambiente violento, onde as pessoas são mais estressadas e capitalistas. Assim, os jovens rurais se reconhecem e atribuem às pessoas do meio rural características como respeitadas, sinceras e solidárias. Desse modo, nesse processo de comparação e ressignificação, os sujeitos (migrantes e não migrantes) protegem seu grupo de origem (DESCHAMPS; MOLINER, 2009; SOUZA, 2004).

Importante ressaltar, ainda, o papel das políticas públicas para a intervenção neste contexto alarmante de abandono das áreas rurais entre o segmento economicamente ativo. A promoção de estratégias de fixação dos jovens ao campo deve ser assumida entre as pautas prioritárias, ou seja, deve-se investir em estratégias que possam contribuir para processos de mudança social, rompendo ciclos de mobilidade, cujo peso de uma estrutura social desigual e excludente recai sobre o indivíduo. A valorização, portanto, de mediadores como as escolas rurais, sindicatos, associações e os mais diversos coletivos comunitários que resistem e trabalham em um movimento contra-hegemônico, pode compor um caminho viável para a promoção de melhores condições de vida à população rural, bem como o enfrentamento de um sistema de

crenças que regula espaços de poder na sociedade, como a histórica e complexa relação entre o campo e a cidade.

Considerações Finais

Este estudo, referenciado na análise sobre os processos identitários, se propôs a investigar a dinâmica de identificação psicossocial entre jovens rurais do estado do Espírito Santo que permaneceram no campo e entre aqueles que realizaram a migração campo-cidade. Os resultados desta pesquisa demonstraram que os jovens decidem migrar para a cidade em função da expectativa de oportunidades e acessibilidade a recursos que a cidade eventualmente poderia oferecer, e, por sua vez, os jovens que permanecem no campo investem sua narrativa na defesa da sociabilidade rural.

A análise sobre a esfera socio-identitária no contexto do fenômeno em análise pode fornecer importantes contribuições à linha de investigação sobre os processos migratórios no país, sobretudo, quanto ao êxodo rural. Diferentes ciclos deste fenômeno puderam ser evidenciados desde a década de 1940, e novas variáveis se fazem presentes no contexto social contemporâneo anunciando diferentes desafios à população camponesa na atualidade.

Entre as limitações presentes nesse estudo, que poderiam orientar a elaboração de novas investigações, destaca-se a necessidade de maior aprofundamento na relação entre sistema de crenças e mobilidade social, que poderiam enfatizar o estudo de meta-representações no plano das crenças hegemônicas acerca das populações rurais, bem como os mitos familiares na consolidação de elementos postos na balança reflexiva sobre o êxodo rural entre os mais jovens, pesando fatores para permanência ou migração.

Referências

- ALVES, Maria. Zenaide.; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. **Educação & Pesquisa**, v. 41, n. spe, p. 1455-1471, 2015.
- ANJOS, Flávio Sacco; CALDAS, Nádia Velleda. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, v.26, n.1, p. 661-694, 2005.
- BONOMO, Mariana.; SOUZA, Lídio. Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 31, p. 402-418, 2013.
- BONOMO, Mariana; SOUZA, Lídio; ZANDONADE, Eliana. Dimensiones de identidad entre campesinos de una comunidad rural brasileña. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 54, p. e1174, 2020.
- BROWN, Rupert. **Psicologia sociale dei gruppi**. Bologna, Italia: Il Mulino, 2000.
- CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CASTRO, Elisa Guarana. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.7, n.1, p. 179-208, 2009.

CASTRO, Elisa, Guarana. Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese (Doutorado) - UFRJ/PPGAS/ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2005. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Tese_Elisa_pdf.pdf.

COSTA, Fernando Luís Martins; RALISCH, Ricardo. A juventude rural do assentamento florestal Fernandes no município de Florestópolis. **Revista de economia e sociologia rural**, v.51, n.3, p.415-432, 2013.

Deschamps, Jean-Claude.; Moliner, Pascal. **A identidade em psicologia social – Dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION/FAO; INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT/IFAD. **Decenio de las naciones unidas para la agricultura familiar 2019-2028**. Plan de acción mundial. Roma, 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ca4672es/ca4672es.pdf>

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FROELICH, José Marcos, *et al.* Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. **Ciência Rural**, v. 41, n. 9, p.1674-1680, 2011.

FURLANI, Daniela Dias.; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

HERNANDEZ, Jorge vallejos *et al.* Variables asociadas a la identidad social satisfactoria y sus efectos diferenciales en el esencialismo endo y exogrupal. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 33, n. 2, p. 175-188, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/apl33.02.2015.01>

LOWDER, Sarah K.; SÁNCHEZ, Marco V.; BERTINI, Raffaele. Which farms feed the world and has farmland become more concentrated? **World Development**, v. 142, n. 105455, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2021.105455>

MENDONÇA, Kenia Fabiana Cota *et al.* Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, n. 2, p. 445-463, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/QHmHvMxDxjhvDbFkzp4dp7S/?lang=pt>

MONTEIRO, Rodrigo; MUJICA, Franklin Peña. A identidade sociocultural do jovem agricultor na vitivinicultura familiar e sua relação com a sucessão rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 60(spe), e235637, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.235637>

OLIVEIRA, Márcia Freire; MENDES, Luciano; VASCONCELOS, Andrea Costa Van Herk. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 2, e222727, p. 1-19, 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 97-118.

SILVA, Elisabete Maria. Expectativa dos jovens que habitam o meio rural e condições para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso no município de São José do Povo. **Revista Perspectivas Sociais**, v.1, n.1, p. 63-76, 2011.

SILVA, Paulo Segundo, *et. al.* Agricultura familiar: um estudo sobre a juventude rural no município de Serra do Mel. **Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável**, Mossoró, v.1, n.1, p.54-66, 2006.

SOUZA, Lídio. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. *In*: Souza, Lídio; TRINDADE, Zeidi Araujo (Orgs.), **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 57-74.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais I**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, p. 61-78, 2016.

Contribuições das autoras:

Mariana Bonomo: concepção, elaboração, análise de dados e revisão.

Gesiane Silva de Almeida: concepção, elaboração, análise de dados e revisão.

Tayssa Grassi Rodrigues: concepção, elaboração, análise de dados e revisão.
